

Trabalhar no metrô estimula e dá orgulho

Dedicados a uma grande obra, operários revivem experiências antigas e revelam entusiasmo

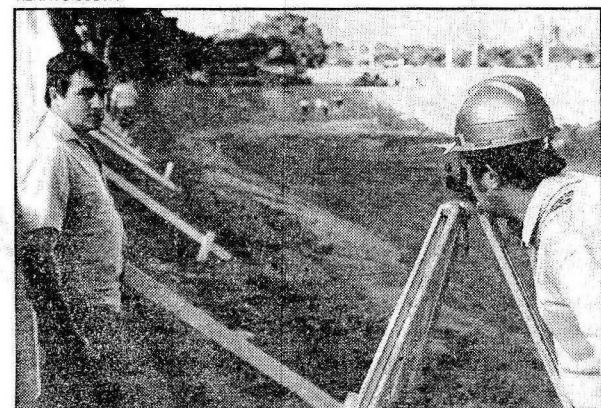
Dos cerca de um mil e 500 trabalhadores que atualmente constroem o metrô de Brasília — serão de três mil e 800 a quatro mil durante o pico das obras, a partir de dezembro — poucos nasceram no Distrito Federal. Eles vieram de todo o Brasil, a maioria em busca de melhores condições de vida, de emprego, fugindo da pobreza, outros chegaram cumprindo contratos de trabalho. Mas todos eles revelam dois pontos em comum: o orgulho de participar da construção de uma grande obra e a vontade de aqui usar conhecimentos obtidos em outros trabalhos pelos mais diversos cantos do País.

Há os que, depois de mais de 20 anos em Brasília já se “naturalizaram” e nem sentem saudades do lugar de onde vieram. Mas existe quem não se esquece da carne-de-sol, da praia ou da montanha, e a palavra saudade é parte do vocabulário da maioria, inclusive saudade da mulher e filhos que ficaram longe. E, dizem, não existe remédio para quando a saudade aperta, nem a cerveja ou o churrasco com os amigos de obra.

Acordar com o sol nascendo para esperar o transporte é coisa comum, como é comum deixar o trabalho já de noite. Um filme na televisão, de preferência com muitos tiros, um jogo da seleção, mesmo que sem muitas esperanças, uma conversa com os amigos nas esquinas das cidades-satélites, vale tudo para matar o tempo das horas de folga de João, de Waldemar, de Jonas ou de José, mesmo que ninguém dispense um bom tempo ao lado da família, contando as histórias do metrô, para que depois os filhos digam: “Meu pai trabalhou aqui”.

Para o futuro, talvez, o sonho de uma casinha em qualquer canto da cidade, uma viagem para outros países ou para lugares bem distantes do Brasil. Mas com uma ressalva: só para conhecer, porque dizem que conhecer outras pessoas e outros lugares é sempre um jeito de aprender. Depois, voltar e levar a vida da melhor maneira possível, e enquanto houver saúde e trabalho, outras obras vão contar com a experiência de João, de Waldemar, de Jonas e de José.

RENATO COSTA



Início das obras dá motivação aos operários

Obra complexa atrai pessoas simples

FOTOS: RAIMUNDO FACCO

Pouco mais de 28 anos depois de deixar Aracati, no Ceará, para onde nunca mais voltou, João Coe Filho, 54 anos, viúvo e com quatro filhos que moram com ele na Cidade Ocidental, está muito satisfeito de trabalhar nas obras do metrô como encarregado de terraplanagem. “É bom, porque vai ser um transporte que vai resolver muitos problemas”, diz com os conhecimentos de quem já trabalhou em várias construtoras, em lugares como Porto Velho, Manaus e Carajás. Só tem um sonho: conhecer outros lugares do mundo, “mas o dinheiro é pouco e não vai dar”.



Jonas Rezendes, supervisor de terraplanagem da estação da Ceilândia, veio de São Paulo especialmente para as obras do metrô. Mesmo depois de ter trabalhado na Venezuela, em Ilha Solteira (SP), e em São Santiago (PR), sempre em barragens, sente um prazer diferente no que faz agora. “Justamente por ser em obras de metrô e por ser em Brasília”. Os dois filhos ficaram em São Paulo, para onde vai sempre que pode, “matar a saudade”. Mas no que depender dele muito em breve vão estar em Brasília. “uma cidade ótima e, sinceramente, não esperava tanto”.



Acordar às 5h para começar às 7h o conserto de máquinas e equipamentos não é problema para o mecânico João Gomes Costa, de 42 anos, casado e com três filhos. O problema é a saudade dos filhos e da mulher que estão em Juiz de Fora (MG) há cinco anos, desde que ele se mudou para Brasília. “É muito bom trabalhar no metrô, mas é difícil aguentar até 40 dias longe da família”. Mas o cearense João Gomes se consola com um pensamento que sabe vai se tornar realidade: “Um dia meus filhos vão dizer que o pai deles trabalhou aqui”.



Cerveja e churrasco seguidos de um jogo de futebol na tevê. É disto que gosta o mineiro Ataídes Donizeti da Silva, de 29 anos, casado e pai de duas meninas, carpinteiro das obras da estação do metrô do Eixo, 104/105. Morador da Ceilândia Norte, ele sonha com uma casa própria, acha difícil mas vai continuar tentando conseguir. Não tem saudades de Minas, só dos parentes, e está feliz com a segurança que diz ter conseguido trabalhando no metrô, a maior obra que já participou. Como muitos outros, um sonho: um dia viajar para longe, mas a passeio.



Uma boa conversa com os amigos é a opção de Luiz Ribeiro de Lima, pedreiro da estação do metrô da 109/110 do Eixo, para passar o tempo nas poucas horas de lazer. Ou um telejornal, o que pouco tem visto “porque minha televisão pifou”. Há 20 anos sem voltar à sua cidade (Cratêus-CE) ele só aceita a ideia de voltar à terra se for para um bom passeio e para matar a saudade dos irmãos que ficaram por lá. Mais que isso, quer é dar uma volta pelo mundo, “lá longe, porque quanto mais a gente vive mais tem vontade de conhecer as coisas”.



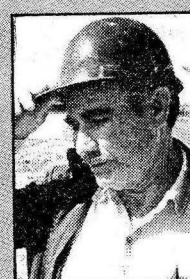
É proibido falar de política, futebol e novelas perto do sergipano José Domingos Gonçalves, 30 anos, operador de escavadeira, que chegou para trabalhar no metrô de Brasília depois de passar por Cuiabá, Aracaju, Rio, São Paulo e Recife. Casado e pai de uma filha, ele gosta mesmo é de ir à praia (“e como aqui não tem, prefiro o zoológico), de ver filmes de bang-bang na TV ou de desenhos animados do Pica-Pau. A mulher e a filha ficaram em Sergipe. “e a saudade já começa a bater”, mas ele se consola em saber que dentro de poucos meses estará com elas.



Melhorar de vida é o sonho do auxiliar de carpinteiro Antônio Gomes do Nascimento, de 39 anos, casado, cinco filhos. Mas ele admite que o sonho por enquanto está longe, “porque no Brasil de hoje está difícil”. Nas horas de lazer não dispensa, “lembrando o meu Ceará”, carne-de-sol, mas fica satisfeito com churrasco, cerveja ou frango. Saudade, mesmo, só da mãe que ficou no Nordeste, e a quem viu poucas vezes depois de 14 anos de Brasília. Flamenguista, acha que torce mais pelo contato com os amigos. “Eu gosto é de jogos da seleção”.



O cearense Waldemar Saldanha, encarregado das obras de terraplanagem, drenagem e compactação do canteiro de obras de Samambaia chegou a Brasília em 1966. Aqui nasceram dois dos seus cinco filhos, e ele se sente “naturalizado brasileiro”. Tanto que não tem a menor intenção de ir embora. Saber que está ajudando na construção de “uma obra moderna, que vai trazer grandes benefícios para a capital” dá a ele um sentimento de orgulho, de alegria. E no que depender dele e dos outros operários não há dúvidas: o metrô vai estar pronto em 1994.



Ao contrário de quase todos os seus amigos, o auxiliar de pedreiro, José João Carvalho Costa 59 anos, pai de quatro filhos, e há 29 anos em Brasília, é declaradamente um fanático por novelas e tevê. “Qualquer uma”. De cerveja e futebol ele não gosta, e prefere ficar em casa quando o assunto é folga no trabalho. Ao Piauí, onde nasceu (Parnaíba) só pretende voltar para visitar a mãe, hoje com mais de 94 anos, “porque se não fosse por ela eu não iria”. De noite, em casa, além das novelas, só mais um prazer na tela da tevê: “o noticiário, qualquer um”.

